

“PARASIL”: O futuro do atraso

“PARASIL”: The future of delay

“PARASIL”: El futuro del retraso

RESUMO

O principal objetivo deste artigo foi estabelecer um paralelo entre os processos políticos e econômicos que envolveram Paraguai e Brasil e sedimentaram caminhos semelhantes entre ambos neste século, toda a leitura teórica e comparativa se deu sob a perspectiva da geografia crítica. Para tal, resgatou-se historicamente o processo migratório fronteiriço entre ambos os países, iniciado no contexto de suas ditaduras militares. Naquele contexto os interesses do Estado e do capital não abrangiam qualquer preocupação social com as classes sociais mais vulneráveis, estabelecendo então significativa desigualdade. Uma análise comparativa, a partir de índices socioeconômicos identificou semelhanças no desenvolvimento de ambos os países, ainda que apresentem questões sociais análogas, o potencial econômico do Brasil cria um ambiente favorável de investimento no Paraguai, os brasileiros se beneficiam da expansão econômica do estado vizinho, enquanto população deste sofre com o desemprego e a informalidade.

Palavras-chave: Política, Economia, Desigualdade, Brasil, Paraguai.

ABSTRACT

The main objective of this article was to establish a parallel between the political and economic processes that involved Paraguay and Brazil and settled similar paths between them in this century, all theoretical and comparative reading was from the perspective of critical geography. To this end, the border migration process between both countries was historically rescued, initiated in the context of their military dictatorships, in that context the interests of the state and capital did not encompass any social concern with the most vulnerable social classes, thus establishing significant inequality. A comparative analysis based on socioeconomic indices identified similarities in the development of both countries, although presenting similar social issues, Brazil's economic potential creates a favorable investment in Paraguay, Brazilians benefit from the economic expansion of the neighboring state. as a population, it suffers from unemployment and informality.

Keywords: Politics, Economy, Inequality, Brazil, Paraguay.

RESUMEN

El objetivo principal de este artículo fue establecer un paralelismo entre los procesos políticos y económicos que involucraron a Paraguay y Brasil y establecieron caminos similares entre ellos en este siglo, toda lectura teórica y comparativa fue desde la perspectiva de la geografía crítica. Con este fin, el proceso de migración fronteriza entre ambos países fue históricamente rescatado, iniciado en el contexto de sus dictaduras militares, en ese contexto los intereses del estado y el capital no abarcaron ninguna preocupación social con las clases sociales más vulnerables, estableciendo así una desigualdad significativa. Un análisis comparativo basado en índices socioeconómicos identificó similitudes en el desarrollo de ambos países, aunque presentando problemas sociales similares, el potencial económico de Brasil crea un ambiente de inversión favorable en Paraguay, los brasileños se benefician de la expansión económica del estado vecino. como población, sufre desempleo e informalidad.

Palabras clave: Política, Economía, Desigualdad, Brasil, Paraguay.

Introdução

O que era estranhamento virou semelhança, e o que parecia o avesso, se tornou o melhor dos iguais; eis no que se conformou a experiência transfronteiriça que potencializou a suposta hegemonia brasileira na América do sul, e que teve, no pequeno país Guarani, seu ponto de inflexão. Passadas cinco décadas desse processo de aproximação política e de integração econômica entre ambos os países, forjada pela expansão da fronteira oriental paraguaia, e pelo afluxo de expressivo contingente de migrantes brasileiros para aquelas terras, assistimos hoje, não a uma junção cultural específica, mas a uma padronização comportamental da semelhança.

O que deveria ser a constituição da diferença, se transfigurou na extensão e ampliação dos mesmos comportamentos e costumes. Em outros termos, a dinâmica expansiva da fronteira brasileira para o oriente paraguaio, enquanto movimento de populações, logrou não apenas integrar aquela paisagem a seu dinamismo, algo parecido a um subimperialismo - como no sentido empregado por Ruy Mauro Marini (1977) e revisitado por Luce (2011), porém em um ampliar de suas vicissitudes. Por meio de um processo marcado pelo concerto, no sentido musicista, e pelo consenso das elites integradas nos seus mecanismos de reprodução e expansão do lucro.

Precarização do trabalho, flexibilização das relações de emprego e desregulamentação dos fluxos de capital, dão a tônica nesse processo de integração desigual, dependente e combinado. O oriente paraguaio se converteu não apenas numa extensão da dinâmica expansiva da fronteira agrícola brasileira, mas no seu homônimo no sentido conceitual do termo.

Tal proximidade se reproduz inclusive na farsa política e na manipulação midiática vis-à-vis, sem contar no caráter grotesco e anedótico de ambos sistemas judiciários, que, em larga medida protagonizaram o dantesco espetáculo golpista; lá, em 2012, e cá, em 2016; em nome da moralidade e do combate a corrupção, dois golpes parlamentares com intenso apoio da imprensa local, e conivência do sistema judiciário de ambos os países, como destacam Souza (2016) e Reis (2017).

Tal como afirma o economista paraguaio Gustavo Cudas (2013) que “tanto no Brasil como no Paraguai a imprensa hegemônica teve papel fundamental para construir o cenário do golpe, nos dois casos um episódio foi manipulado e veiculado incessantemente até gerar comoção social e justificar a necessidade de um impeachment” e continua “Basta pegar um evento e torná-lo um escândalo através da manipulação e da insistência. É um ambiente que se cria, nós vimos aqui no Brasil como se criou em torno da operação Lava Jato.” Guardadas proporções históricas e processos distintos e devidos, o Brasil e suas elites vão convertendo o país num Paraguai do amanhã, e este no Brasil de hoje.

O movimento migratório e a reprodução da seletividade

parte substancial do fluxo migratório brasileiro para o Paraguai se deu em razão da existência de um contingente populacional excedente, fruto dos efeitos colaterais da modernização da agricultura no Sul do Brasil (SILVA, 2010). Foi impulsionado também como desdobramento da necessidade acumulativa do capital oligopolista e monopolista ligado ao agronegócio que ansiava pela abertura e expansão de novas áreas de fronteiras, os arranjos geopolíticos da conjuntura dos anos 1960 e 1970 entre Brasil e Paraguai se mostraram particularmente atraentes. Foi dentro desse quadro de ordenação de interesses que a nova fronteira se constituiu.

Isso, porque ao mesmo tempo em que estabelecia novos arranjos produtivos e introduzia inovações tecnológicas, recriava as condições de exclusão e subordinação da agricultura camponesa, tal qual a vivida pelos colonos sulistas no Brasil, vis-à-vis com o arcaísmo do mundo rural paraguaio. Somados a isso, a intenção paraguaia que, personificada na figura de seu ditador mais longo Alfredo Stroessner, ambicionava a modernização das

instituições do país e da sua economia, tinha como mote o desenvolvimento da agricultura, ao qual objetivava introduzir e qualificar novos itens a suas pautas de exportações.

Mostrava-se, para tanto, fundamental expandir e incorporar novas áreas agricultáveis, disponibilidade de extensas áreas na região oriental do país se mostrara profícua para tal intento, pois servia, dadas as suas características pedológicas e de acessibilidade econômica, conforme Silva (2010), como forte indutor para projetos de colonização externos e internos.

Ainda de acordo com Silva (2010), Stroessner, em diferentes ocasiões, manifestara publicamente seu interesse no ingresso de agricultores brasileiros nessa região, pois via sobretudo nos colonos euro-descendentes do Sul do Brasil, os protagonistas weberianos da modernização da agricultura paraguaia, cujo contato com os agricultores nacionais, assim entendia Stroessner, poderia induzir nestes o espírito empreendedor.

O ditador paraguaio visava com isso atingir dois objetivos principais, as quais eram colonizar a região oriental e dissolver as tensões agrárias na região central do país, onde se concentrava a maioria do miserável campesinato guarani. No entanto, apenas o primeiro intento foi plenamente alcançado, um enorme contingente populacional se deslocou para aquela região e, em um intervalo de apenas duas décadas, alterou profundamente a sua paisagem, igualando-se, em paralelo, ao “ecocídio” brasileiro, que devastou as florestas de mata atlântica no oeste do Paraná. Um superlativo dantesco do mito pioneiro, civilizador dos motosserras e dos tratores *Bulldog*. (SILVA, 2010).

Precocemente a seletividade da modernização agrícola transposta para o país e efetivada pelos colonos brasileiros, elevou substancialmente os preços das terras nessa região, inviabilizando sua acessibilidade e manutenção por parte dos colonos mais fracos, corrompendo destarte, os arranjos campesinos e de agricultura familiar do Paraguai, que ao longo de décadas fora dominante. Também condicionou um processo muito rápido de reconcentração fundiário, dado que as culturas modernas, altamente tecnificadas, envolvem e requerem, para sua viabilidade comercial, maior ganho em escala e produtividade. Tal assertiva não era, conseqüentemente, possível nem viável às famílias que subsistiam em unidades diminutas e cuja capacidade de endividamento junto aos bancos também eram muito limitadas. Os campesinos guaranis muito cedo perceberam o infortúnio de sua condição naquelas paragens, e o engodo da sua migração, atraídos pelos projetos de assentamento do Instituto Bienestar Rural (IBR). (RÜCKERT, 2003).

Desta forma, afirma Silva (2010), os agricultores brasileiros estavam melhor posicionados economicamente e tinham acesso facilitado a empréstimos bancários, tendo em vista que a titularidade de suas terras lhes facultavam um acesso vantajoso a esses créditos, puderam em um período curto de tempo expandir sua produção e se firmar economicamente. Tal condição transformou esses agricultores numa nova classe média nacional e, por conseguinte afiliada aos setores mais conservadores da sociedade, por vezes reacionário dentro do próprio espectro político paraguaio. Se nos anos 1970 a garantia de segurança e estabilidade para integração a sociedade local era dada mediante a filiação ao coloradismo, nas décadas seguintes, a condição econômica foi aquela que tornou-se o meio garantidor da integração ao *mainstream* nacional.

A seletividade favorável, sobretudo, aos agricultores e empreendedores brasileiros ligados ao setor do agronegócio, contribuiu para a ampliação e extensão do fosso social já existente, agora com um toque de brasilidade. Segundo os dados colhidos pelo observatório OXFAM Paraguay, dos 3.634.566 hectares vinculados aos cem maiores proprietários de terras do país, 12,5% são pertencentes a brasileiros, sobretudo aqueles residentes nos departamentos mais orientais como Amambay, Cannindeyú e Alto Paraná.

A atuação de pecuaristas e empresários brasileiros no país tem se voltado também para as grandes extensões ocidentais do Chaco, região de clima semiárido, localizada nos departamentos de Boquerón, Alto Paraguai e Presidente Hayes, uma das áreas menos povoadas do Paraguai que se estende também para países vizinhos, como Argentina e Bolívia.. O Chaco paraguaio se caracteriza por ser um dos ecossistemas mais complexos e frágeis do hemisfério, composto por uma vegetação de bosques espinhosos baixos e abundantes

capinzais, com variações térmicas entre 7 graus no inverno e 49 graus centígrados nas estações mais secas e precipitações médias em torno de 400 milímetros anuais, chama a atenção a abundante presença de cactos de diferentes espécies e a existência de uma rica fauna composta por uma diversidade de mamíferos silvestres. (CRISTALDO, 2002)

Essa inóspita região de baixa densidade demográfica, que envolve quase 60% do território paraguaio, tem se convertido em sua última fronteira, atraindo de forma desmedida a ambição de pecuaristas e grandes empresas estrangeiras, consorciadas com empresários nacionais, que avançam impunemente sobre as terras dos povos indígenas, que há tempos remotos habitam estas vastidões (SILVA, 2010).

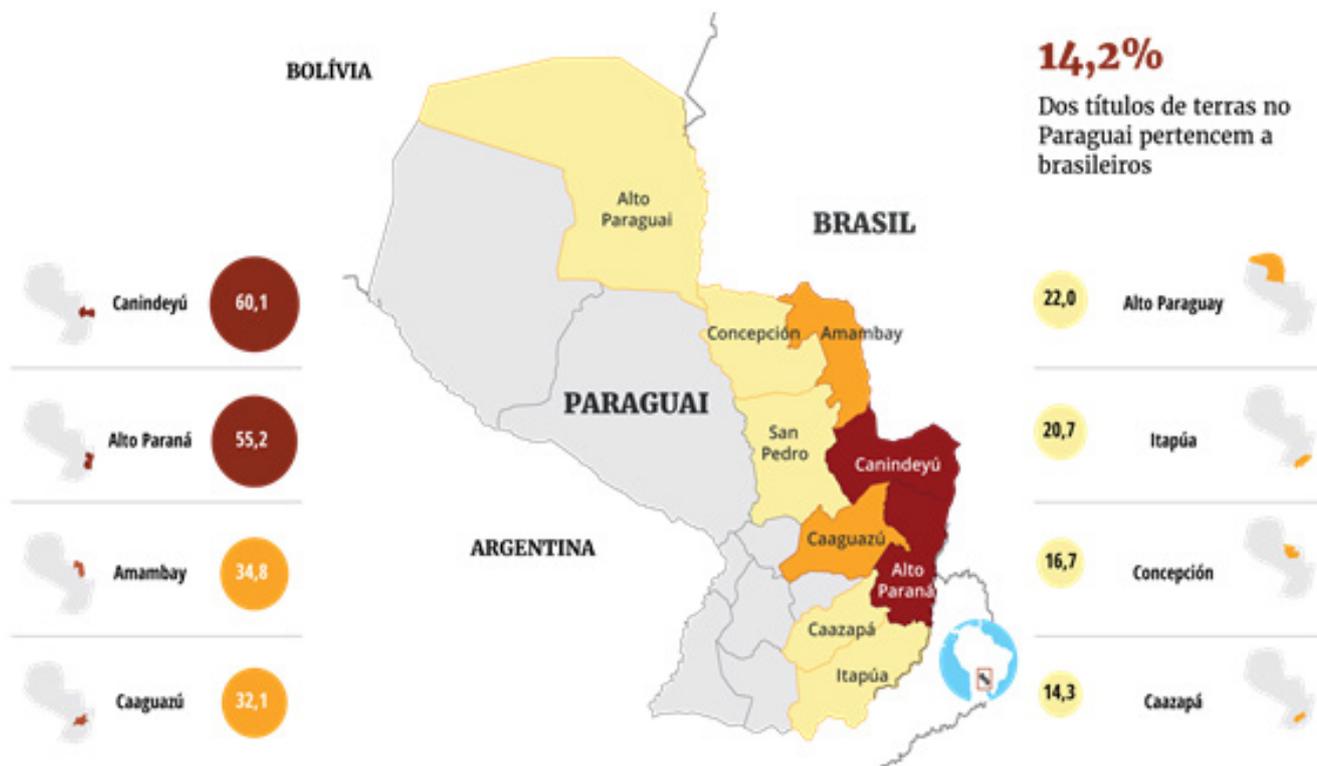
A lista presente na tabela 1, a seguir, dá mostras efetivas desse avanço e predomínio da elite “brasiguai” na região, cujo impacto principal tem se dado sobre as áreas remanescentes de floresta de mata atlântica e sobre as populações campestres e de silvícolas Guaranis.

Nome do Proprietário	Empresa	Total (hectares)
<i>Tranquilo Favero</i>	Grupo Favero	123.359
<i>Marcelo Ferraz Bastos</i>	Yaguareté Porá S.A. (VLW S.A.)	78.410
<i>Joici Companhoni</i>	Ganadera Umbú S.A.	40.000
<i>Emilio Evaldo de Araújo</i>	Agroganadera Aguaray	30.558
<i>Graciano Pereira Parini</i>	Agropecuaria Tabor S.A.	28.759
<i>Ulisses R. Teixeira / Saturnino Teixeira Jr.</i>	Paso Kurusu S.A. XT Paraguay S.A.	27.320
<i>Gino de Biasi Neto / Herbert Carranca</i>	River Plate S.A. BBC S.A.	20.644
<i>Ildair Di Doménico</i>	Agroganadera Forestal Arroyo Pozuelo SRL	20.000
<i>Hugo Virmondes Borges Filho</i>	Ytakyse S.A.	13.557
<i>Joaquim Fernandes Martins</i>	-	11.675
<i>Banco Itaú</i>	Issos Greenfield International	11.653
<i>Arnaldo Lopez de Almeida Neto</i>	-	10.385
<i>Mario Boff</i>	Agroganadera Santa Rita S.A.	10.043
<i>José Odvar Lopes</i>	Agrícola Entre Ríos S.A.	9.950
<i>Familia Zafaneli Dias dos Reis</i>	-	9.329
<i>Apolinario Adamés de Souza</i>	-	8.644
Total de hectares pertencentes a brasileiros		454.286

Tabela 1: Brasileiros entre os 100 maiores latifundiários do Paraguai (possuem 456 mil hectares juntos)
 Fonte: Oxfam Paraguay, Yoy Jára – Los dueños de la tierra em Paraguai. Organização: De Olho nos Ruralistas.

A presença de proprietários brasileiros que desde os anos de 1970 vem se concentrando na região da fronteira oriental do país, conforme o Mapa 1 a seguir, começa a avançar também em anos mais recentes em direção ao Chaco, expandido a pecuária de corte a partir da mesma lógica predatória que devastou as áreas de mata atlântica nos Departamentos de Cannindeyú e Alto Paraná (Moraes; Vieira, 2015). Ressalta-se que a maior presença brasileira nos departamentos da fronteira sul do Paraguai com o Brasil, segundo Silva (2010), está associada à expansão da fronteira agrícola do estado do Paraná, os departamentos fronteiriços próximos ao Mato Grosso do Sul passam a receber os brasileiros anos mais tarde, justifica-se, deste modo, a menor presença de proprietários do Brasil.

Já a expansão do setor de commodities, que tem na cultura da soja seu carro chefe, possibilitou ao Paraguai alçar a condição de quinto maior produtor mundial desse produto. A receita propagandeada para esse inédito feito pode ser atribuída a vários fatores como: disponibilidades de terras férteis e aptas à mecanização, com custos de financiamento mais baixos, impostos menores e tributação simplificada, contratos trabalhistas flexíveis e escoamento da produção mais barato, além, de custos menores com insumos e maquinário. (CAPECO, 2016).



Mapa 1: disposição da concentração de proprietários brasileiros no Paraguai por departamento, em %
 Fonte: Censo Agropecuário, 2008 - apud: Oxfam Paaguay, 2017.

Essas condições favoráveis implicavam por parte do governo e do Estado paraguaio uma considerável renúncia fiscal, convertida em atrativo para o capital ligado a este setor, o que nos anos subsequentes seria estendido a outros setores do comércio e da indústria, sobretudo de capital brasileiro, como destaca Silva (2010). Em certa medida a conjuntura do pós-golpe, em ambas as versões, amplificaram o afluxo desses capitais para as regiões de fronteira no Paraguai, convertendo o pequeno país Guarani na bola da vez do virtuosismo de mercado. As condições históricas advindas dos anos 70 explicam o maior número de brasileiros no país, que amplificam os investimentos atualmente no próprio Paraguai, conforme é possível se observar no quadro 1.

País de residência	Brasileiros no exterior
Argentina	47.015
Paraguai	349.842
Uruguai	15.551

Quadro 1: Brasileiros residentes no exterior no MERCOSUL – 2014
 Fonte: Ministério das Relações Exteriores. Organização: autores.

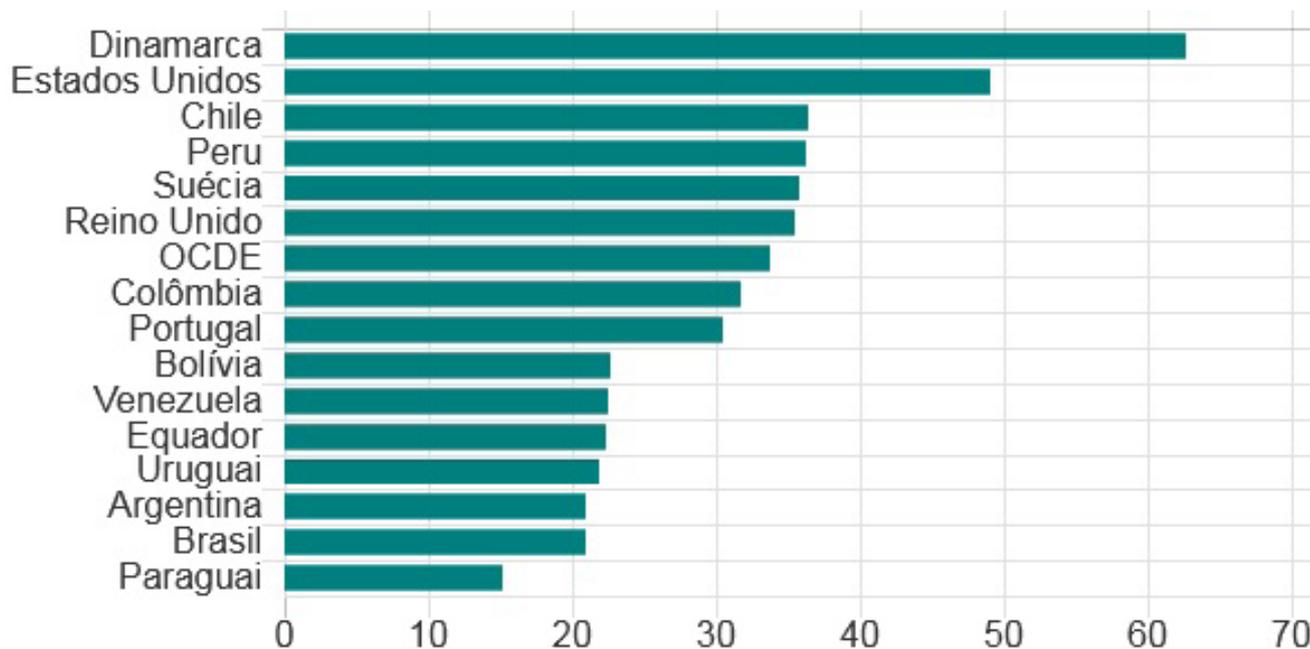
De acordo com Ribeiro e D'ercole (2016), do ponto de vista social, a aparente prosperidade, oculta um cenário pouco animador nesses termos. Embora o salário mínimo nessas paragens seja maior que o brasileiro, em torno de R\$ 1.200,00 reais convertidos, a precarização se traduz pela jornada de 48 horas semanais, ausência de sindicatos, férias progressivas (12 dias por ano para quem tem até cinco anos no trabalho, 18 dias para quem tem mais de cinco anos e 30 dias para quem possui mais de 10 anos no emprego) e sistema previdenciário precário, tendo em vista a baixa contribuição no país, somente 37,7% dos trabalhadores paraguaios contribuem com a previdência, segundo a Direção Geral de Estatísticas, Pesquisas e Censos (DGEEC, 2012), o que se reflete no elevado nível de informalidade, embora as agências oficiais divulguem uma taxa de desemprego na ordem de 6%. Tal realidade no mundo do trabalho possibilita para o empregador um custo 20% menor

em geral com folha de pagamentos se comparado a situação no Brasil. Segundo Wagner Weber, do Centro Empresarial Brasil Paraguai (BRASPAR) em entrevista àqueles autores:

“Isso não quer dizer que o paraguaio ganhe menos. O salário mínimo lá equivale a cerca de R\$ 1,5 mil, mas os impostos são bem menores. O empregador também paga menos encargos sobre a folha, e o funcionário fica com mais dinheiro no bolso. Por isso, atividades intensivas em mão de obra tendem a se instalar lá para reduzir custos. Esse é um movimento sem volta”. (RIBEIRO; D’ERCOLE, 2016).

Uma assertiva ironia para quem se apropria de 500 horas a mais por ano do trabalhador guarani, se comparado a seu consorte brasileiro, e do absoluto abandono quando em situação de desemprego, ou quando no limiar da velhice, de uma vez que a única seguridade para grande maioria dos trabalhadores é o amparo da família, quando essa pode arcar com esse custo evidentemente.

Tamanha desigualdade se reflete no comparativo tributário, demonstrando que a tributação sobre a renda e o lucro, tanto no Brasil quanto no Paraguai, estão entre as menores taxas do mundo, sendo que no Brasil os impostos são ainda mais regressivos, tendo em vista que 51% da receita tributária advêm dos impostos sobre consumo e serviços pagos por toda a população, enquanto sobre a renda são 18,02%; sobre o patrimônio são desprezíveis 4,17% e sobre transações financeiras míseros 1,61% (Belluzo e Galípulo, 2017), tributando de formas profundamente desiguais, e de maneira desproporcional, os salários e os dividendos. Comparando-se o fato com a situação de outros países, Brasil e Paraguai amargam uma posição desfavorável na tributação sobre a renda, conforme o gráfico:



4.Gráfico 1: Tributação sobre a renda - comparativo
Fonte: dados OCDE (OCDE Revenue Statistics, 2017).

Nesse sentido, em que o atual e anterior afluxo de capitais brasileiros para o Paraguai visa justamente as vantagens comparativas, dado, sobretudo, o baixo custo de instalação no país, bem como as condições oferecidas pelo governo - vinculadas principalmente ao frágil controle tributário e fiscal do país, além, do baixo custo da mão de obra.

Tal assertiva converge, de modo geral, para os problemas contemporâneos acerca da crescente desigualdade mundial, decorrentes em grande medida da avassaladora hegemonia dos mercados financeiros e do seu dogma ideológico neoliberal, como profundamente analisados por Stiglitz (2016) e Piketty (2014). Nas conjunturas vivenciadas pelo caso brasileiro e paraguaio a debilidade institucional e política de seus regimes, acabam por aprofundar ainda mais esse fosso social e econômico, transformando essas sociedades nas campeãs em desigualdade e concentração de renda.

A sociedade transgênica

A reprodução das vicissitudes brasileiras, tanto sociais quanto econômicas encontraram, em solo paraguaio, campo fértil à sua reprodução. E esse estado naturalizado de coisas se reproduziu e expandiu com força não apenas no agronegócio, mas na configuração urbana das novas cidades surgidas na vanguarda da especulação dos negócios imobiliários, ligados às companhias de terras e colonizadoras brasileiras, que se expandiram em toda região oriental do Paraguai desde o início dos anos 1970.

Os traçados urbanos das localidades que surgiram nesse período eram uma quase réplica das plantas concebidas pela companhia inglesa que atuara no norte e noroeste do Paraná nos anos de 1930 e 1940, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). Nessas plantas retangulares a hierarquização dos espaços estabelecia uma nova toponímia, baseada na seletividade e diferenciação socioeconômica que para além dos conflitos interétnicos dos primeiros tempos, entre brasileiros e paraguaios, se metamorfoseou numa profunda diferenciação de classes. Hoje algumas dessas pequenas cidades da fronteira oriental com população média entre 10.000 e 20.000 habitantes, no qual o urbano e o rural se confundem, já exibem condomínios horizontais fechados, típicos das cidades médias brasileiras, onde a paranóia da segurança e o pavor aos pobres seguem como norma e a segregação em clubes e escolas de ordem privada a reificação de um mundo feliz. (SILVA, 2010)

As novas tecnologias da informação rapidamente se expandem e se disseminam, permitindo moldar os padrões de consumo e de cultura, inclusive no Paraguai. As feiras e exposições agropecuárias que movimentam somas expressivas ganham enorme relevância no calendário regional, atualizando a cada evento a sensação de crescimento e prosperidade da nova sociedade, em meio as inequidades sociais e a monotonia daquelas paragens.

O que denominamos transgenia social é um mutante sociológico imune a mudanças, é a percepção de um tempo que se repete na modernidade numa sociedade quase imóvel e esse foi um feito extraordinário da migração brasileira para o Paraguai. Contribuiu para o rápido e intenso crescimento econômico e ao mesmo tempo preservou as estruturas sociais dominantes. Crescimento econômico esse, ressalta-se, localizado e sem mobilidade social. Em suma, é a contradição de uma sociedade que pouco muda em sua estrutura de ascensão social e ao mesmo tempo se moderniza a partir dos avanços tecnológicos no setor agrícola.

O retorno do coloradismo ao poder, após o golpe que depôs Fernando Lugo, em junho de 2012, foi corporificado na figura do presidente Horacio Cartes, o expoente do retorno do Partido Colorado, após um hiato de cinco anos fora do poder, em meio aos 70 anos que o partido dominou ininterruptamente o país. Em abril de 2018 esse retorno se consolidou com a vitória da ala ainda mais conservadora do Coloradismo, liderada pelo ex-senador Mario Abdo Benítez, filho homônimo do antigo braço direito do ditador Stroessner. Seu lema é avançar para crescer, sem necessariamente mudar as estruturas presentes.

O Paraguai cresce há aproximadamente 15 anos em uma taxa média de 4,5% ao ano, enquanto Argentina e Brasil definham em números decrescentes, próximos a zero. Tal fato tem guindado as expectativas dos agentes econômicos paraguaios a certo ufanismo, que desconsidera as insuperáveis mazelas do país, divididos ao meio entre pobres e os muito ricos, que se apropriam de ampla fatia da receita nacional, tal como constatado em vários países latino Americanos a exemplo de Argentina, Colômbia e Chile (CEPAL, 2015).

A novidade tem sido a emergência de uma classe média incrustada nos aparelhos de estado, ou em atividades vinculadas ao comércio e setores de serviços ligados as novas empresas maquiladoras que se instalaram no país nos últimos anos e também aquelas atividades voltadas ao agronegócio. Tais números, presentes nos gráficos representados nas figuras 5 a 8, simulam projeções e tendências com base nos dados extraídos dos relatórios publicados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) de 2017.

Neles se projetam picos de crescimento e de expansão da economia com oscilações bruscas durante o governo Fernando Lugo, e taxas mais estáveis a partir de 2014, porém sobre impressionante índice de 12% ocorrido em 2013, o que demonstra certa robustez e consis-

tência desses números. O último ano de obtenção dos dados foi 2016, a partir deste ano os números representam projeções.

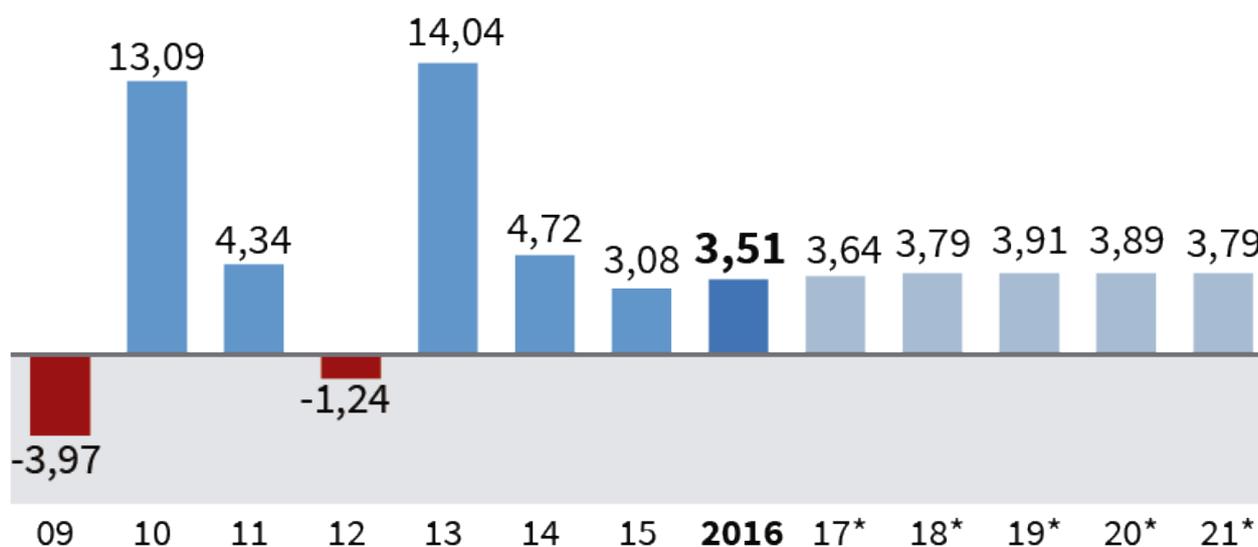


Gráfico 2: PIB (em%) do Paraguai 2009 a 2016 - Projeção 2017 a 2021
Fonte: IMF/2017 Country Report n. 17/233.

A partir do gráfico 2, salienta-se que os índices negativos apresentados pelos PIBs de 2009 e 2012 são decorrentes da crise econômica de escala mundial criada pela bolha imobiliária dos *subprimes* nos Estados Unidos, e do endividamento dos países europeus, respectivamente. Sem embargo, os anos seguintes à questão, isto é, 2010 e 2013, apresentam uma recuperação rápida e significativa, que nos anos seguintes demonstram estabilização e projeção de crescimento econômico maior que a média mundial.

Ao considerarmos os dois indicadores, PIB *per capita* e inflação, gráficos 3 e 4 respectivamente, e compararmos com o gráfico das taxas de desemprego, presente no gráfico 5, fica evidente que as informações postas apresentam convergência, dando mostras da estabilidade da economia paraguaia, ante seus vizinhos, ainda que estes últimos sejam economicamente mais fortes no âmbito do mercado internacional.

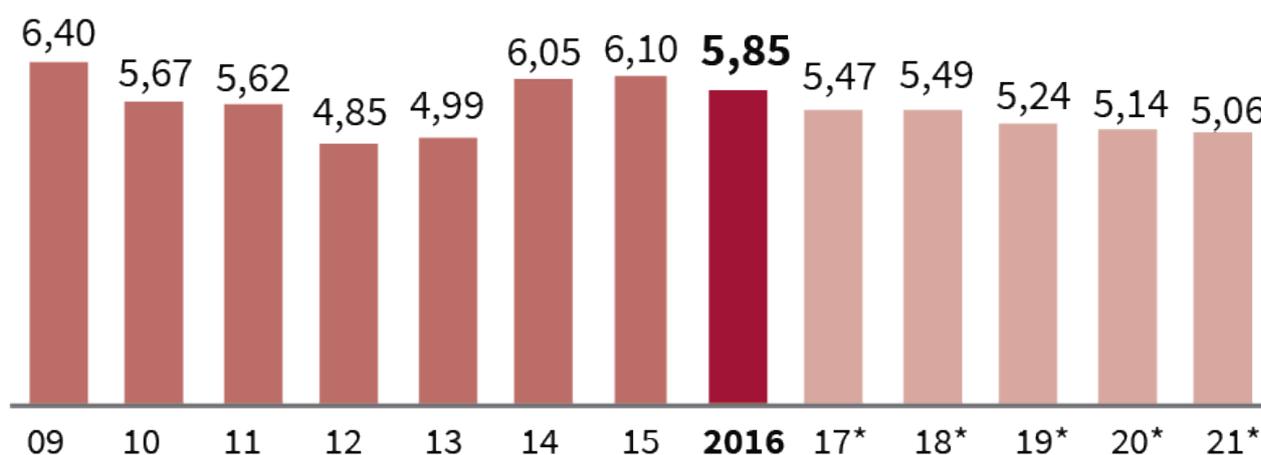


Gráfico 3: PIB per capita (em milhares US\$) do Paraguai 2009 a 2016 - Projeção 2017 a 2021
Fonte: IMF/2h017 Country Report n. 17/233.

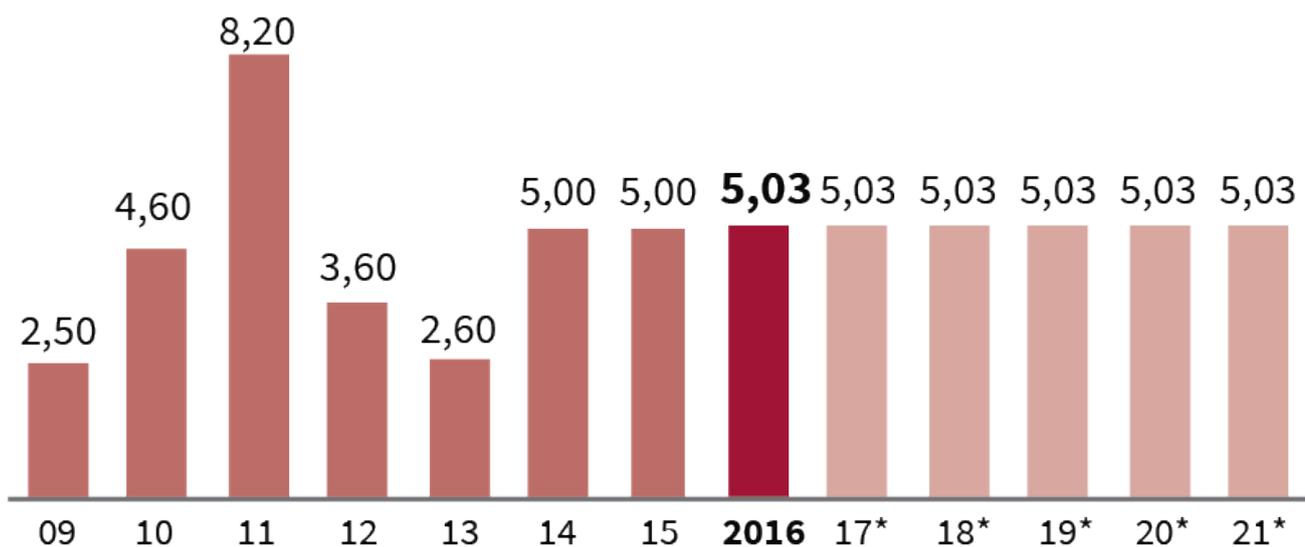


Gráfico 4: Inflação (em%) do Paraguai 2009 a 2016 – Projeção 2017 a 2021
 Fonte: IMF/2017 Country Report n. 17/233.

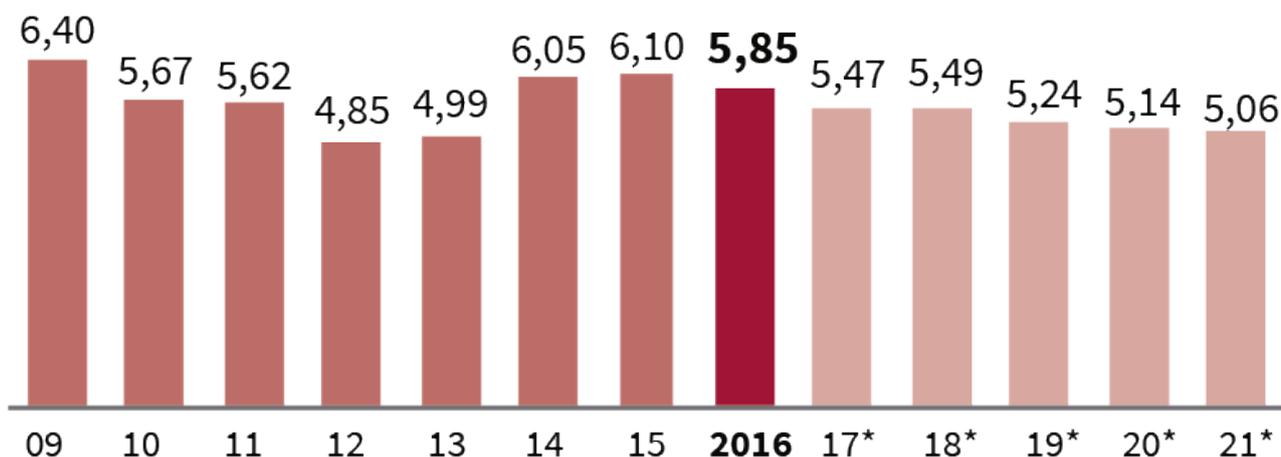


Gráfico 5: Taxa de desemprego (em % da mão de obra total) Paraguai 2009 a 2016 – Projeção 2017 a 2021
 Fonte: IMF/2017 Country Report n. 17/233.

O dito “sucesso” econômico, em números comparativos, da economia paraguaia nos últimos anos pode ser associado ao fato do país ainda ser uma fronteira de expansão agrícola, como define Pereira (2016). Irônica, mas não surpreendentemente, tal crescimento sustentável do Paraguai sob apanágio do receituário neoliberal, se dá, justamente, envolto ao retumbante fracasso das mesmas políticas nos gigantescos vizinhos, Brasil e Argentina. Não esquecendo, porém, o caráter conservador dessas políticas - que no caso Guarani, convive e mantém-se através de uma brutal marginalização social, alijadas de qualquer proteção social por parte do Estado e de possibilidades de uma vida melhor no futuro (SILVA, 2010).

As taxas de subemprego são de certo modo reveladoras da outra faceta do propalado otimismo oficial, evidenciando não apenas a precarização do trabalho, mas a sua informalidade, como se pode observar na tabela 2.

Indicador de Subempleo	Total	EPH 2014 Urbana	Rural	Total	EPH 2015 Urbana	Rural
Subempleo Total	20,0	20,1	19,7	19,0	17,5	21,5
Subempleo Visible	6,1	5,5	7,1	5,9	5,3	7,0
Subempleo Invisi-ble	13,9	14,7	12,5	13,1	12,2	14,5

Tabela 2: Población Subempleada por año, según tipo de subempleo. Años 2014 - 2015
 Fonte: DGEEC. Encuesta Permanente de Hogares 2014 -2015.

Esses trabalhadores sem forma e sem emprego são a face obscura do empreendedorismo ambulante presentes nas ruas das cidades paraguaias, que dinamizam a circulação da mercadoria sem nenhum custo para o capital. Eles são também ao mesmo tempo o retrato canhestro e marginalizado dessa civilização fronteira.

A política neoliberal mascara avanços sociais dentro deste contexto, uma vez que apresenta crescimento do PIB em áreas econômicas que subsidiam uma parcela menor da população. Em uma análise comparativa, pode-se fazer um paralelo do Paraguai com a Sérvia, ambos apresentaram uma população semelhante, em torno de sete milhões de habitantes, e crescimento econômico significativo, o primeiro, como já exposto, com uma projeção de mais de 3% em 2017, e a segunda com exatamente estes 3%, segundo a Cia World Factbook.

Contudo, no que tange o acesso da população à esta fatia do bolo a nação sul-americana é considerada a 9ª mais desigual do mundo segundo o índice de Gini de 2016, enquanto que a Sérvia, segundo dados do PNUD, ficou com 0,285, muito próxima aos primeiros colocados e menos desiguais. Logicamente, a ideia da comparação é a partir da proporcionalidade, população/PIB, dentro deste âmbito, observa-se que todo este crescimento percentual beneficia um número restrito de indivíduos no caso do Paraguai.



Gráfico 6: Índice de Gini - 10 países mais desiguais em 2016
 Fonte: Pnud.

Portanto, ao se delinear uma análise do caso paraguaio, não é difícil concluir que os maiores beneficiados do crescimento econômico do país, e que estes são, segundo dados já apresentados anteriormente, em grande parte, representantes do agronegócio, muitos deles brasileiros. Como descrito, poucos se beneficiam efetivamente do crescimento do país, já que este é um dos mais desiguais do mundo, bem como o Brasil, este aparece como o décimo país mais desigual do mundo em 2016, conforme o gráfico anterior, mesmo estando entre os dez maiores PIBs há mais de uma década.

De um modo geral, entende-se que o uso do mecanismo econômico do Brasil no Paraguai cria condições gerais semelhantes, tanto no que se refere à expansão da lógica neoliberal e capitalista, com muitos anos de crescimento econômico e projeção positiva no caso paraguaio, quanto nas políticas de bem estar social, que na atualidade apresentam pouco, ou nenhum avanço para a população.

Considerações finais

A ocupação e colonização da fronteira oriental do Paraguai ocorrida a partir dos anos 1960 e 1970 não logrou constituir uma alternativa para o desenvolvimento econômico do país, nem forjou em termos sociais uma convergência cultural mais justa e democrática. Ao contrário, ela significou a ampliação do fosso social e econômico preexistente, reproduzindo em terras paraguaias a mesma dinâmica excludente e concentradora que ocorrera durante a expansão e ocupação de amplas áreas férteis da fronteira agrícola do oeste e sudoeste do Paraná, em décadas anteriores.

Os agricultores e colonos brasileiros almejados por Stroessner e por ele considerados protagonistas da modernização no campo, eram, na prática, os agentes da modernização agrícola conservadora e tributária da revolução verde, que no Brasil produziu um êxodo rural sem precedentes para as periferias das grandes cidades, e que expandiu as áreas de monocultura, ampliando a concentração fundiária.

As novas localidades que surgiram no oriente paraguaio já continham em sua gênese as marcas da desigualdade e da seletividade desse sistema. No plano político a presença brasileira, sobretudo dos prósperos produtores e empresários, contribuiu para o processo de reação conservadora e de retorno do coloradismo ao poder a partir do golpe parlamentar/judiciário que destituiu o fraco governo de Fernando Lugo e sua eclética composição político-partidária em junho de 2012.

Curiosamente, mas não surpreendentemente a pendularidade na política latina americana, de um viés de centro-esquerda para a atual tendência conservadora, teve no caso emblemático do Paraguai uma espécie de ensaio ou modelo bem sucedido de golpismo midiático, que seria poucos anos mais tarde reproduzido sem nenhuma originalidade no Brasil.

O agronegócio do Brasil se expande ao oriente paraguaio desde meados dos anos 70 e insere sua lógica de produção, que estabelece, por hora, números positivos sob a ótica econômica, todavia sem avanços no meio social. O que copia a própria lógica do gigante sul-americano, uma vez que ambos surgem na atualidade como países com baixa distribuição de renda, sendo, portanto, significativamente desiguais.

Tais coincidências se baseiam no sequestro de ambos estados por parte das elites econômicas e sua hegemônica ideologia neoliberal, cuja principal agenda tem sido a de combater visceralmente quaisquer políticas de inclusão social e luta contra a crescente desigualdade. Nesse sentido o Paraguai atual emerge como exemplo de crescimento (in)sustentável, porém, absolutamente alinhado a seu passado conservador e excludente, aplicando fielmente o mesmo receituário que, em seus vizinhos maiores, produziu uma crise econômica e institucional sem precedentes. O “Parasil” enquanto constituição histórica é o avesso do avesso.

Referências

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. **Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.

CAPECO. **Cámara Paraguaya de exportadores y comercializadores de cereales y oleaginosas**. 2016. Disponível em: <http://capeco.org.py/>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CODAS, Gustavo. **Curuguaty, o massacre que não terminou**. [Entrevista concedida a] Carta Capital. Carta Capital, São Paulo. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/curuguaty-o-massacre-que-nao-terminou-835/>>. 15 jun. 2014.

CRISTALDO, Fernando Américo Larroza. **Exploração e aproveitamento dos recurso hídricos do Chaco Central paraguaio**. 2002. Tese (Doutorado em Recursos Minerais e Hidrologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

INTERNACIONAL MONETARY FOUND (IMF). **Country report**, n. 17/233, 2017.

JIMÉNEZ, Juan Pablo(editor). **Desigualdad, concentración del ingreso y tributación sobre las altas rentas en América Latina**. CEPAL, Santiago de Chile, 2015.

LUCE, Mathias Seibel. **A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital. A História de uma categoria**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2011.

MARINI, Ruy Mauro. **La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo**. Cuadernos Políticos, n. 12, Era, México, abr.-jun., 1977.

MORAES, Isaias Albertin; VIEIRA, Antonio da costa. **Capitalismo agrário e movimentos camponeses no Paraguai**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 28 n. 56, p. 363 - 384, julho/dezembro, 2015.

OXFANPARAGUAY. **Los propietarios brasileños tienen el 14% de las tierras em el Paraguay**. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/2017/11/06/los-propietarios-brasilenos-tienen-el-14-de-las-tierras-en-el-paraguay/?lang=es>. Acesso 24/05/2018

PARAGUAY. **Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos (DGEEC)**. Asunción, 2012.

PARAGUAY. **Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos (DGEEC)**. Asunción, 2015.

PEREIRA, Lorena Izá. **Estrangeirização da terra no Paraguai: migração de camponeses e latifundiários brasileiros para o Paraguai**. Boletim DATALUTA n. 97, 2016. ISSN 2177-4463

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. <Disponível em www.fct.unesp.br/nera>.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014

RÜCKERT, A. A. **Metamorfoses do território: a agricultura do trigo/soja no planalto médio rio-grandense, 1930 - 1990**. Porto Alegre: UFURGS, 2003.

REIS, Guilherme Simões. **O Fim da Era das Democracias na América**. Breviário de Filosofia Pública, Rio de Janeiro, n. 146, p. 32-47, 23 abr. 2017.

RIBEIRO, Ana Paula. D'ERCOLE, Ronaldo. **Vizinho tem jornada de trabalho maior e férias menores:** Manter funcionário no país custa 20% menos que no Brasil Jornal O Globo, 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/vizinho-tem-jornada-de-trabalho-maior-ferias-menores-17744410>. Acesso 22/03/2018.

SILVA, Henrique Manoel da. **Fronteireiros:** as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. Maringá: Eduem, 2010.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

STIGLITZ, Joseph. **O Preço da desigualdade.** Lisboa: Bertrand Editora, 2016.